REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 480

21 DE ABRIL DE 1892

Redacção – Atelier de Gravura – Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Agora que se falla tanto em anarchismo e em nihilismo, que não se póde abrir um jornal qualquer, francez, hespanhol, inglez, italiano, allemão, sem encontrar a respeito de nihilistas e de anarchistas longos artigos, interminaveis noticias, pareceu-nos curiosa e interessante uma noticia que encontramos n'um d'esses jornaes ácerca do grande patriarcha do nihilismo allemão contemporaneo, o famoso dr. Nietsche que toda a gente na Allemanha conhece, que tem exercido no seu paiz uma acção tão preponderante como depois de Lessing nunca ali ninguem exercera e que no fim de contas é pouquissimo conhecido senão de todo ignorado no resto da Europa.

A ultima parte da sua grande obra, *Zarathustra* acaba de sahir dos prelos de Leipzig, e esse *Zarathustra*, que é o evangelho do nihilismo e do anarchismo allemão, é ao mesmo tempo uma preciosa obra, litteraria de primeira ordem, talvez a mais notavel, a mais original e a mais brilhante da Allemanha contemporanea.

Zarathustra consta de quatro partes: as tres primeiras foram publicadas em 1888 e a sua doutrina estranha e pessimista produziu uma tal impressão sobre os seus compatriotas, exerceu uma tal influencia sobre os espiritos juvenis da Allemanha, que o pastor Dehler tutor de Nietsche — pois o sabio professor da Universidade de Bâle cahiu em demencia e desde 1888 está n'uma casa de doidos, paralytico, disforme, inconsciente e mudo, — oppôz-se á publicação da conclusão da sua obra, por considerar essa ultima parte a mais perigosa de todas ellas.

O pastor Dehler porém morreu ha pouco e quem lhe succedeu na tutoria de Nietsche não tendo os mesmos escrupulos deixou imprimir a ultima parte de *Zarathustra* que se intitula: *Assim fallou Zarathustra*, livro para todos e para ninguem. O assumpto d'esse livro é curioso e original. Schopenhauer ao pé de Nietsche chega a parecer um optimista e Nietsche tem sobre elle a grande superioridade da forma.

Muito lido nos philosophos francezes e nos poetas gregos tem d'estes o brilhantismo das imagens, d'aquelles a clareza do estylo.

Metaphysico como Kant e como Hegel, Nietsche procura como elles o absoluto, o fim do fim, mas não se embrenha em complicados systemas nebulosos e toda a sua metaphysica se reduz a esta simples phrase — *Tudo é nada.*

Como se vê não é d'uma grande novidade a doutrina philosophica de Nietsche; a philosophia da negação é velha como o mundo e deve-se confessar que não tem feito lá grande caminho, mas o que é novo em Nietsche e o que dá o grande successo ao seu livro e á sua doutrina é o brilho excepcional da sua phantasia, o colorido do seu estylo, o humorismo faiscante das suas deducções mesmo as mais desconsoladoras.

Zarathustra é um sabio que aborrecido da baixeza e da toleima dos homens se retira para o deserto, e n'uma caverna onde vive na companhia d'uma aguia e d'uma serpente, os seus unicos amigos e companheiros, espera cheio de confiança e de alegria o *Uebermensch*, o Sobre-Homem, o representante da raça nova que hade por força nascer sobre as ruinas da velha humanidade.

Um bello dia Zarathustra é arrancado á sua espectativa extatica por um grito de afflicção.

É o Sobre-Homem, diz elle e corre á porta.

Não é; é apenas um homem superior, e atraz d'elle mais oito homens superiores que vem pedir a Zarathustra a sua compaixão para elles e para a humanidade.

Cada um d'esses homens é a incarnação das idéas mais alevantadas que se tem produzido no mundo.

Primeiro é o Annunciador da Grande Fadiga, o pessimista que constata com desespero a vaidade de todas as cousas. Depois vem, escoltados por um burro, dois reis, representando um a nobreza do sangue, o outro a nobreza do espirito.

Depois um personagem disforme e tagarella que deixa sugar todo o seu sangue pelas sangsugas para melhor observar esses animaes, — é o Homem de Sciencia.

Depois vem um velho feiticeiro que n'um discurso em versos wagnerianos não faz senão provocar a lascivia dos sentidos a pretexto de prégar a abstinencia completa da sensualidade.

Depois vem um Sem Trabalho, é o Papa. Deus morreu e o pobre Papa já não tem a quem deitar a benção apostolica.

E além do papa vem o homem que matou Deus, o Homem Mau, o typo da negação e da resistencia.

Em seguida Zarathustra encontra sentado no meio d'um rebanho de vaccas um formoso rapaz cheio de doçura, o prégador da Montanha. Os homens apedreja-

JOAQUIM JOSÉ MACHADO, TENENTE-CORONEL DE ENGENHEIROS
GOVERNADOR DOS TERRITORIOS DA COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

(Segundo uma photographia de Camacho)

vam-n'o, não o queriam ouvir, e por isso elle só falla ás vaccas, dizendo que unicamente aquelles que com as vaccas se parecerem terão entrada no reino dos Ceus.

Por ultimo Zarathustra encontra-se com a sua sombra, isto é comsigo mesmo, com o representante de tudo o que elle tem pensado até então, é este o ultimo dos nove homens superiores.

Mas Zarathustra acha-os todos muito decrepitos e muito anemicos, recusa-lhes uma compaixão que seria fatal ao advento d'Aquelle que hade vir, e contenta-se em lhes offerecer uma ceia na sua caverna, ceia em que os faz rir, em que os faz cantar cançonetas e contar historias de mulheres, e no dia seguinte despede os e continua no seu isolamento á espera do *Uebermensch*, o *Sobre Homem*, o *Homem Novo*.

Mas o Homem Novo não vem e n'um pequeno poema que Nietsche escreveu tres annos depois do *Zarathustra*, no mesmo anno em que a paralysia apagou para sempre o seu espirito, Zarathustra espera ainda o Revelador, chama-o pela ultima vez cançado de o esperar tanto tempo. Finalmente vê-o «Eis emfim a minha verdade que me vae fallar exclama elle.» E a sua verdade diz-lhe unicamente:

— Infeliz Zarathustra!

Tal é a obra de Nietsche, obra que o artigo d'onde extratamos este resumo compára ao «*Banquete* de Platão, mas em que ao lado das grandes concepções metaphysicas parece acharem-se já os germens da loucura que tres annos depois da obra escripta o havia de lançar n'um hospital de alienados, onde hoje o pobre Zarathustra, pois o phylosopho fizera o seu personagem á sua imagem e semelhança, espera a morte redemptora que o arranque ás torturas da sua medonha enfermidade.

*
* *

Nos theatros de Lisboa houve uma grande e boa novidade, uma estreia que foi a revelação brilhantissima d'um grande talento theatral, a estreia do sr. Antonio de Campos Junior no theatro do Gymnasio, com a comedia em 3 actos *A Filha do Regedor*.

Dizemos estreia e repetimos a palavra, apesar de Campos Junior ter tido já noites de ruidosa ovação em theatro, com uma peça que teve ha dois annos um successo colossal no theatro da Alegria.

Essa peça, porém, a *Torpeza* não era uma obra de theatro, era um protesto patriotico, era um magnifico pamphleto, era um bocado d'historia dialogada com um talento poderoso, talento que aliás já se tinha manifestado em notabilissimos artigos politicos escriptos na *Revolução de Setembro*.

Nem a *Torpeza* era uma obra theatral nem o seu grande successo representava o baptismo d'um author dramatico.

Agora a ovação que coroou a *Filha do Regedor* essa sim que se dirige unicamente ao author dramatico, e que foi provocada por uma obra exclusivamente theatral.

O primeiro acto da *Filha do Regedor* é uma verdadeira obra prima no seu genero; comedia, francamente comedia portugueza, com um dialogo cheio de graça, com uns typos perfeitamente observados e primorosamente desenhados, com situações d'um comico irresistivel. O publico riu da primeira á ultima palavra d'esse magnifico acto que acabou no meio d'uma ovação triumphal ao seu auctor.

Os outros dois actos padeceram do extraordinario *successo* do primeiro, porque era difficilimo conservar todos os tres actos n'aquella mesma grande altura, mas ainda assim agradaram bastante, e ha n'elles cousas magnificas, scenas de primeira ordem, ditos engraçadissimos.

O publico fez uma grande ovação a Campos Junior, ovação justissima porque na *Filha do Regedor* ha talento ás mãos cheias, ha graça ás carradas.

O desempenho da *Filha do Regedor* foi excellente por parte de todos os artistas e magistral por parte de Valle que com ella fez beneficio.

A creação do mestre Praxedes é extraordinario de graça, de arte e de observação! e se Valle não tivesse ha muito tempo firmados os seus creditos de grande artista, bastava ella para o collocar em logar de honra entre os grandes actores comicos.

Silva Pereira, Costa, Cardoso, Telmo, Jesuina, Julianna, Garraio, muito bem nos seus papeis e para que o *successo* fosse completo até os papeis pequenos, entregues a discipulos do theatro foram desempenhados muito correctamente, o que faz grande honra a Leopoldo de Carvalho o distincto ensaiador d'aquelle theatro.

E nós registando aqui o brilhante successo da nova peça do Gymnasio, saudamos com alegria e com enthusiasmo o novo auctor a quem o theatro portuguez reserva com certeza muitas noites de triumpho e de gloria.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOAQUIM JOSÉ MACHADO

GOVERNADOR DOS TERRITORIOS DA COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

No moderno movimento operado em Portugal em favor da nossa Africa, movimento que data de 1876 com a primeira expedição de obras publicas que se mandou para aquelle paiz, figura notavelmente o engenheiro sr. Joaquim José Machado como um dos que mais serviços tem prestado ao paiz.

Ha muito que nos tinhamos imposto o compromisso de infileirarmos o seu retrato na galeria de africanistas portuguezes que o OCCIDENTE tem publicado, mas só hoje o podemos cumprir, o que fazemos com o maior prazer, sempre que préstamos homenagem ao verdadeiro merito, á inconcussa probidade.

Tanto na metropole como no paiz africano é vantajósamente conhecido o nome de Joaquim José Machado, e alcançar essa popularidade sem militar na politica, é uma grande conquista, que dá bem a medida da valia do distincto engenheiro, que pelo seu talento e applicação pratica as coisas d'Africa lhe tem dado a nomeada que justamente disfructa.

Muito de molde se nos depara no *Diccionario Universal Portuguez*, algumas notas biographicas do sr. Joaquim José Machado, que nos dão noticia do seu nascimento até aos seus trabalhos do caminho de ferro de Lourenço Marques, em 1882.

Soccorrendo-nos d'aquellas notas lêmos que, Joaquim José Machado, official de engenheiros do nosso exercito, nasceu no Algarve, em 1847 e, vindo cursar os seus estudos preparatorios em Lisboa, tel-o com extraordinario e rapido aproveitamento, tanto mais para notar quanto a sua vida era curtada de difficuldades inherentes á falta de recursos, difficuldades que o moço e brioso estudante superou á custa dos mais respeitaveis e sympathicos esforços. Ao mesmo tempo que frequentava e se destinguia nas cadeiras de um anno de curso, leccionava particularmente as disciplinas já aprendidas, e isto durou até quasi ao termo da sua frequencia na Escola Polytechnica, onde obteve tão altas qualificações, que foi classificado para a arma de engenharia.

Passando a frequentar a Escola do Exercito, ahi poude dar mais desafogo ainda ao seu lucido talento e manter os seus creditos de moço intelligente e de estudante applicado e distincto.

Sentou praça em 21 de outubro de 1869, com 22 annos de edade, ao principiar a frequencia do 4.º anno da Escola Polytechnica; foi promovido a 2.º tenente para a arma de engenharia em 9 de dezembro de 1873, a 1.º tenente em 28 de dezembro de 1875, e, menos de um anno depois, em 1 de agosto de 1876, a capitão, pois por uma serie de circumstancias anormaes, a promoção, no quadro da sua arma, correu com extraordinaria rapidez durante aquelle praso.

Exactamente por essa época o fallecido ministro da marinha sr. Andrade Corvo, organisou as duas grandes expedições de fomento material, com que pretendeu iniciar um novo perido de vitalidade nas duas provincias ultramarinas de Angola e Moçambique.

As condições em que se convidavam para este espinhoso serviço os nossos officiaes e o pessoal mais intelligente da engenheria militar e civil do paiz eram excepcionalmente vantajosas, e muitas illustrações, sahidas recentemente das escolas correram a infileirar-se n'aquella hoste civilisadora. O nosso moço official foi um dos primeiros a offerecer os seus serviços. Sendo favoravelmente acceite a sua pretenção coube lhe a direcção das obras publicas da provincia de Moçambique, com o encargo de organisar em Lisboa toda a expedição, escolha do pessoal e acquisição das menores exigencias materiaes. Em tudo se mostrou activo e competente o novo director da expedição, cercando-se de valiosos auxiliares e organisando todos os serviços com incalculavel presteza e com um acerto superior a todos os elogios.

Pelo facto da sua nomeação para tão importante incumbencia, foi promovido a major sem prejuizo dos officiaes mais antigos da sua classe e arma, em 13 de setembro de 1876, isto é, mez e meio depois da sua promoção a capitão e apenas com 29 annos de idade, facto rarissimo no nosso paiz.

O modo como desempenhou a sua commissão valeu-lhe a estima superior e o respeito e inalteravel amizade de quantos serviram debaixo das suas ordens, entre os quaes se contam engenheiros distinctissimos. Os seus serviços estão expostos em desenvolvidos relatoris, alguns dos quaes correm impressos e por elles mereceu elogios dos governadores da provincia e do governo da metropole, em mais de uma portaria.

Entre todos os seus trabalhos, avulta porem, um que mais o apaixonou e no qual empregou esforços sobrehumanos, realisando-o atravez de todas as contrariedades e vencendo todas as inclemencias que se lhe anteposeram e que, frequentes vezes, foram graves. Referimo-nos aos estudos do caminho de ferro de Lourenço Marques ás fronteiras do Transwaal. O sr. Machado não só campletou estes importantes estudos, como tambem tem sido o mais ferveroso advogado da construcção d'essa linha e um dos mais prestantes e estrenuos apostolos de todos os progressos tendentes a melhorarem as condições da nossa provincia ultramarina de Moçambique.

Nas sessões dos dias 6, 13 e 22 de dezembro de 1880, na Sociedade de Geographia de Lisboa, o sr. Machado fez as mais judiciosas communicações sobre o estado presente e possibilidades de engrandecimento futuro d'esta provincia. Essas communicações foram impressas pela Sociedade em um opusculo intitulado *Moçambique*. Lisboa 1881.

Os conhecimentos que o sr. Machado tem adquirido pela sua pratica n'estes assumptos, são variadissimos e a sua palavra é sempre escutada com a maxima attenção na Sociedade de Geographia onde com frequencia o sr Machado se faz ouvir, e onde esclarece com a sua illustração muitas das questões coloniaes que ali são tratadas e discutidas.

Em 1882 publicou a Sociedade outro opusculo intitulado: *O caminho de ferro de Lourenço Marques da commissão Africana e informação apresentada pelo vogal Joaquim José Machado.* Esta informação occupa todo o opusculo, menos as duas primeiras paginas, que são as do parecer, e podemos asseverar que é digna da maior attenção, agora que tanto se cuida na civilisação e progresso da Africa. Em muitos boletins da Sociedade de Geographia se encontram dispersos trabalhos do sr. Machado sobre assumptos africanos, resultado do muito que conhece a Africa pelas repetidas commissões de serviço que lá tem desempenhado.

D'elle disse algures o sr. Luciano Cordeiro que, Joaquim José Machado fôra como que o segundo descobridor de Lourenço Marques. E' que realmente elle tem passado uma boa parte da sua vida, tem consumido uma consideravel porção do seu tempo, da sua actividade, do seu talento, a descobrir á nossa administração e á nossa politica colonial as necessidades, as vantagens, os perigos d'aquella parte sul da nossa provincia, d'aquelle porto, d'aquella posição singularmente estrategica, sob todos os aspectos, na formidavel crise que atravessa a Africa meridional. Mas não é só Lourenço Marques, o porto e o districto, a costa e o sertão, o caminho de ferro feito e os que se devem fazer, a balisagem da bahia e as colonias agricolas da fronteira, é toda a provincia de Moçambique que lhe tem merecido a mais acrisolada, a mais tenaz, a mais enthusiastica dedicação.

Uma das ultimas commissões de que o governo o encarregou foi a de uma ractificação de fronteiras com o Transwaal, no anno passado, e foi no meio d'essa commissão que o governo o nomeou para o importante cargo de governador geral da provincia de Moçambique.

Varios desgostos o assaltaram n'este governo, que o levaram a voltar á metropole, onde agora foi nomeado para o importante cargo de governador dos territorios da Companhia de Moçambique.

Os vastos conhecimentos scientificos e tanto ou mais valiosos conhecimentos praticos de toda a provincia africana, são as maiores e mais solidas garantias de bom desempenho do difficil commissão que acaba de ser confiade ao distincto engenheiro.

A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES DO GREMIO ARTISTICO

O *Gremio Artistico*, alargando a esphera d'acção do valoroso e famigerado *Grupo do Leão*, a que succedeu, veio tornar evidente para os mais descrentes a existencia de uma escola d'arte contemporanea em Portugal.

Começando pela exposição de 1881, realisada n'uma sala da rua do Alecrim, em que figuraram 9 artistas e 73 obras, o nosso *salão* annual tem ido augmentando de maneira que á actual exposição concorrem 70 artistas com cerca de 300 obras, e ainda não estão n'ella representados um grande numero dos artistas portuguezes, entre os quaes alguns dos mais conhecidos e talentosos, como os srs. Simões d'Almeida, Alberto Nunes, Ferreira Chaves, Moreira Rato, Columbano, D. Maria Augusta, Villaça, Sousa Pinto, Victorino Ribeiro, A. Keil, Teixeira Lopes, Thomaz Costa, José de Brito, Reis, etc.

As exposições, que antes de surgir o *Grupo do Leão*, se faziam de tres em tres annos e ás vezes com maior intervallo, agora realisam-se umas poucas por anno e em todos os *salons* de Pariz apparecem trabalhos de artistas portuguezes.

Emfim, nas exposições de ha uns doze annos para traz o verdadeiro artista era raro, o amador enchia as salas da exposição com innocentes estudos de coelhos e pombos, flôres e natureza morta, e apreciava-se mais o trabalho de um curioso que levara meia duzia d'annos a fazer buracos n'uma noz do que uma paisagem de Silva Porto ou uma figura de Columbano.

Hoje o amador desappareceu quasi completamente com medo do jury. Apparece ainda um ou outro trabalho, que a indulgencia d'este deixou escapar, feito não por amor da arte, mas por amor proprio, por vaidade d'alguns que tomam a arte como prenda distincta, e por amor do dinheiro de outros mais praticos, que mandam uns quadrinhos baratinhos, umas *cedulas* — como pittorescamente lhes chamam os outros — a tentar a bolsa do comprador pouco entendido e pouco endinheirado : mas esses são a excepção.

Pouco a pouco os nossos artistas foram estendendo a vista á roda de si, apprenderam a vêr e a sentir a natureza na sua infinidade de aspectos; e ao mesmo tempo que a technica, libertando se das velhas receitas, se aperfeiçoava successivamente, e que a luz e a verdade iam entrando na nossa pintura, mercê da nova orientação vinda de Pariz com Silva Porto e outros pensionistas, as exposições foram se animando pouco a pouco e atraz do quadrinho anedoctico e sentimental, em que se representava *O leitor do Diario de Noticias*, ou uma castellã, sentada a uma janella rendilhada da idade media, de bandolim no regaço, pensando tristemente no seu donzel que partira para a Terra Santa, foi apparecendo o quadro de genero, o quadro de nú, e o quadro de historia, e augmentando successivamente de importancia até aos trabalhos dos srs. Malhôa, Salgado e Freire da actual exposição.

O grande quadro do sr. Malhôa tem além d'outros esse grande merecimento : o de convencer toda a gente de que já se sabe pintar em Portugal.

Muitas pessoas que encolhiam os hombros deante de um quadro de Silva Porto, mesmo que elle fosse o *Logar da Pontinha* ou o *Moinho do Gregorio*, porque — ora adeus! quadros de meio metro quadrado!... — diante d'aquella tela de 5m de comprido por 3m,30 de alto, curvaram a cerviz, convenceram-se, não tiveram mais remedio senão declarar que realmente nós tambem temos artistas.

Eu ouvi com os meus ouvidos — e já se vê, com uma grande consolação para o meu patriotismo — ouvi uma senhora, uma sympathica e prazenteira avósinha, dizer para a sua neta, que a elucidava de catalogo aberto : — *C'est portugais l'auteur?! Oh! mais c'est admirable! C'est admirable!*

Abençoada velhinha! Deus nosso senhor lhe dê muitos annos de vida e de felicidade e mais á sua graciosa neta!

O quadro do sr. Malhôa, tanto pelo que vale como pela coragem e audacia que revela, qualidades essas exclusivas dos fortes, dos valerosos, é com effeito um trabalho extremamente notavel e digno de louvor.

E' o quadro de maiores dimensões que nos tempos modernos se tem apresentado nas nossas exposições; e se, — como é natural, por isso mesmo — não é isento de defeitos e está longe de ser uma obra prima, as suas qualidades fazem d'elle uma tentativa auspiciosissima e que honra sobremaneira a arte portugueza.

Representou o artista no seu quadro *O ultimo interrogatorio do marquez de Pombal*, na occasião em que o que fôra o valido d'el-rei D. José se retrata do seu passado glorioso, que lhe havia de dar no futuro o logar de um dos nossos grandes antepassados, do ultimo representante do Portugal heroico de outras eras.

E' extraordinario que um artista portuguez do nosso tempo escolhesse um tal thema para um tal quadro, não é verdade?

E'-me impossivel imaginar por que ordem de ideias o sr. Malhôa foi levado a representar o grande homem exactamente na scena da sua mais completa desgraça, no acto mais deprimente da sua vida, quando, já com os pés para a cova, com a alma por assim dizer morta e com o corpo prostrado pela doença e pela velhice, pede *humildemente* perdão das suas *faltas*, confessando-se vencido e abdicando a sua energia, a sua qualidade caracteristica, que o fizera temido e respeitado em toda a Europa.

Não comprehendo!... Nunca me constou que o sr. Malhôa seja jesuita, e nem mesmo assim, porque era preciso suppôr que o fosse o publico... Emfim, deixemos isso.

A composição do quadro tem clareza e naturalidade. O desenho é em geral correcto, e a gradação dos valores bem estudada, produzindo a devida distancia uma perfeita illusão da realidade, e dando do quadro uma impressão magnifica.

Passando porém a uma analyse mais minuciosa, apparecem alguns defeitos que prejudicam um pouco aquella impressão.

O que avulta mais é a execução da cabeça do marquez, isto é, da parte mais importante do quadro.

Essa cabeça é, com effeito, muito infeliz. De nariz rectilineo (toda a gente sabe que elle tinha o nariz adunco), bocca mal desenhada, craneo curto, sem nobreza e sem expressão, parece que o artista de proposito quiz ridicularisal-o, fazendo d'elle não um retrato, mas uma caricatura. As cabeças dos tres juizes não são tambem muito felizes, especialmente a do da esquerda, que está a escrever, de bocca tambem mal desenhada e caricatural.

Na composição nota-se uma certa symetria produzida pelos dois triangulos parallelos formados pelas tres cabeças dos juizes, e a do marquez e das duas filhas que o amparam aos lados.

A luz é distribuida com habilidade, mas ficticia. Em primeiro logar, vem de cima — e certamente a scena não se passa n'uma galeria de quadros, nem n'um patamar de escada; e depois, alumiando fortemente o primeiro plano, deixa na sombra os planos immediatos, n'uma transição demasiado rapida, muito commoda para evitar o trabalho de pintar o fundo e muito conveniente para fazer realçar o grupo central, mas muito pouco verdadeira.

Apezar d'estes defeitos, o quadro do sr. Malhôa faz a admiração de todos os espectadores pelo seu aspecto magnifico, pelas brilhantes qualidades de execução que saltam á vista, emfim pela apparencia de realidade com que destaca quando se avista das salas immediatas.

E' que realmente ha n'elle pedaços trabalhados com um brio e uma perfeição notabilissimas e a que o artista ainda não tinha chegado nas suas obras anteriores. As roupas e os accessorios são superiormente tratados; o tapete, os moveis, os velludos, os setins e as pellucias são feitos com mão de mestre, são de primeira ordem. E é isso o que junto á boa graduação da luz faz dar ao quadro do sr. Malhôa um tão forte poder de illusão e que, apezar dos seus defeitos, faz d'elle uma tentativa auspiciosissima, um trabalho extremamente honroso para a arte portugueza.

*
* *

Se o grande quadro do sr. Malhôa é de todas as obras expostas a que mais chama a attenção, o quadro grande do sr. Silva Porto é sem duvida o mais bello e o mais perfeito trabalho da exposição.

Como de costume, o grande artista expõe juntamente com outros quadros pequenos um de maiores dimensões, que representa a *Barca de passagem de Serreleis*, e é uma admiravel obra prima.

E' flagrante de verdade, é a natureza palpitante n'uma encantadara paisagem do Minho, em que tudo é tratado magistralmente, o rio de aguas azues e serenas, a barca que uma mulher, com uma longa vara fincada no terreno, impelle para a outra margem, transportando um carro de bois carregado de canna de milho, o terreno verdejante que avança do lado esquerdo no segundo plano, as colinas do fundo, em que branquejam casaes pelas encostas, e por cima de tudo o céo luminoso e transparente com umas nuvens vaporosas de outomno, um d'esses ceus maravilhosos de Silva Porto, que um dia certamente hão de ser celebres na historia da pintura...

Como em frente das melhores paisagens do nosso grande artista, sente-se a gente preso, enlevado na contemplação d'aquelle admiravel quadro, deliciosamente commovido pelo encanto intimo e profundo que despertam as bellezas da natureza serena e risonha, peculiar do nosso Minho e que são da especial predilecção do artista.

A *Barca de passagem* é, a meu vêr, o primeiro da collecção dos seus quadros grandes, é uma obra que se póde pôr a par das de qualquer grande paisagista estrangeiro, e que o governo devia adquirir, a despeito de todas as crises, para o Museu Nacional, onde occuparia o logar d'honra na sala da pintura portugueza contemporanea.

Além d'essa expõe o artista ainda outras obras de primeira ordem.

O *Rio Ave*, por exemplo, tem todas as qualidades de perfeição e encanto da *Barca de passagem*. E' uma joia da mais fina agua.

Outra joia de não menos valor é a *Cabeça de camponeza*, deliciosa de verdade e expressão; como é surprehendente e magistral a cabeça e sobretudo o olhar do velho pescador, do pequenino quadro *A' beira mar*.

Encantador tambem o *Logar do Prado*, de uma tonalidade quente e harmoniosa; soberbo de execução e flagrante de verdade o intitolado *Na praia*; magnificos os *Cavallos bebendo* e muito bonitos a *Primavera*, um fresco trecho dos arredores de Lisboa e a *Rapariga a dobar*, um pittoresco costume minhoto.

Silva Porto continúa, sendo como se vê, o grande mestre da pintura portugueza, como foi o factor principal do seu renascimento. Mestre tanto pelas licções directas aos seus discipulos como pelo exemplo de trabalhador, incansavel e consciencioso.

*
* *

Depois de tratar de Silva Porto occorre-me naturalmente fallar do sr. Marques d'Oliveira, o mestre do norte.

Não porque os trabalhos de um se pareçam com os do outro, que não parecem. Emquanto o sr. Silva Porto pinta de preferencia os aspectos alegres, luminosos e quentes, os quadros do sr. Marques d'Oliveira distinguem-se geralmente por uma tonalidade pallida e morna, que dá uma impressão de branda e delicada melancolia.

Mas une os uma qualidade commum, que se encontra igualmente nos seus trabalhos e em grau superior aos dos outros artistas: a intensidade de impressão que d'elles emana, o sentimento profundo da poesia intima das coisas, dos aspectos, das harmonias da natureza. E' que um e outro a vêem não só com os olhos mas tambem com o coração: pode applicar se-lhes com propriedade a phrase de Virgilio — *arcades ambo*.

Todos de aspecto pouco vistoso e, a não ser no primeiro, até um pouco pardacento, o sr. Marques d'Oliveira expõe seis quadros, dos quaes, pela perfeita observação dos valores e entoação justa, são de primeira ordem *O moinho*, *Habitações de pescadores*, o *Caminho enxarcado* e *Esperando os barcos*.

N'este ha uma rapariga sentada sentada na praia, com os braços cruzados sobre o joelho, que é um pedaço verdadeiramente de mestre. E dos outros em especial o que representa as *Habitações de pescadores*, ao fundo de um pequeno trato de terreno, de uma tonalidade suave e doce, em que os telhados vermelhos põem uma nota delicadamente alegre, é um dos mais bonitos da exposição.

(Continúa). *João Sincero.*

D. CONCEPCION GIMENO DE FLAQUER

Foi com muito prazer que recebemos, ha dias, a visita do sr. D. Francisco de P. Flaquer, distincto jornalista catalão, de que tinha-mos noticia ha muito tempo por seus apreciaveis escriptos, mas que não conhecia-mos pessoalmente. Esta visita foi-nos tanto mais agradavel porque alem de nos permittir travar relações com tão notavel escriptor, foi-nos portadora d'um primoroso livro da distincta escriptora hespanhola D. Concepcion Gimeno de Flaquer, esposa do sr. Flaquer, e que como seu marido cultiva as bellas-lettras com

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES DO GREMIO ARTISTICO

1 *A torre da Sé, (Funchal)* quadro de Candido Pereira. — 2 *Interior d'atelier*, quadro de Mello. — 3 *Orchidea*, quadro de Vieira. — 4 *A Caça aos grillos*, quadro de Henrique Pinto. — 5 *A Rega dos alfobres*, quadro de Malhôa. — 6 *Pateo do Convento de Jesus (Villa Viçosa)*, quadro de Queiroz. — 7 *Effeitos da chuva*, quadro de Freire. — 8 *Fim da tarde*, quadro de Vaz. — 9 *Casa minhota (arredôres de Braga)*, quadro de Silva Porto. — 10 *O rio de Alcantara em Campolide*, quadro de Condeixa. — 11 *Esperando os barcos*, quadro de Marques d'Oliveira. — 12 *Cosinha rustica*, quadro de Augusto Ribeiro. — 13 *A' Porta da taberna*, quadro de Adolphò Rodrigues. — 14 *O Saloio*, qudro de Baeta. — 15 *O Remorso*, esculptura de A. Motta. — 16 *Manhã*, quadro de C. Xavier.

(Desenhos de A. Silva)

summma distuicção e honra para a litteratura hespanhola.

Não conhecia-mos as obras de D. Concepcion de Flaquer, o que não admira porque no nosso paiz, pela mais enexplicavel das razões, são pouco conhecidos os auctores hesponhoes e as suas obras. Mais entregues á litteratura franceza d'alem dos Pyreneus, não nos é familiar a litteratura de alem do Caia nosso visinho de portas fronteiras.

Outro tanto, cremos, que acontece em Hespanha com respeito aos auctores portuguezes, pelo que nos parece não ficar-mos a dever nada aos nossos visinhos.

Pois a Hespanha tem valiosos e quantiosos escriptores e poetas, como artistas e sabios de incontestavel merecimento; conhecemos, porventura, muito mais dos seus pintores, dos seus esculptores, dos seus musicos ou dos seus oradores, do que dos seus artistas das lettras. É um facto, que não se explica lá muito bem, mas que é verdadeiro.

É por isso sempre, para nós uma novidade quando nos revelam a existencia de escriptores ou poetas notaveis hespanhoes como D. Concepcion de Flaquer, escriptora e poetisa, auctora de varios livros de elevado merecimento litterario, como temos uma bella amostra, no que acaba de nos chegar ás mãos e que tem por titulo «*Culpa O' Expeacion?*, e ainda um outro *Mujeres de la Revolucion Francesa, desertacion leida por su autora en el Ateneo de Madrid en la noche del 25 de março de 1891*.

Culpa O' Expiacion? é uma interessante novella, escripta sob a impressão do explendido ceu do Mexico, é um livro repassado de sentimento, do mais puro romantismo de uma alma de poeta. Mas não somos só nós que nos deixamos impressionar tão agradavelmente pela leitura d'este livro, o sr. Eduardo del Valle, um escriptor mexicano, expressa-se d'este modo referindo-se á *Culpa O' Expiacion?* «... é uma das mais ricas joias litterarios e no seu genero, uma filagrana de esquesito gosto da sua inspirada auctora. Tudo que dissessemos acerca de tão notavel obra seria palido comparado com o seu alto merito».

Não se limita, porem, o trabalho litterario de D. Concepcion de Flaqeer ás duas obras que deixamos apontadas, de outras nos dá noticia o mesmo escriptor mexicano, referindo-se aos livros *La Mujer Española, La Mujer Juzgada por una Mujer, El Doctor Aleman e Victorina* a primeira novella escripta por D. Concepcion de Flaquer, e que foi tambem o seu primeiro triumpho que logo a tornou conhecida entre os auctores hespanhoes como os de maior merito.

D. Concepcion Gimeno de Flaquer, nasceu em Alcañiz, cidade da provincia de Teruel (Aragão), no anno de 1860.

Logo no estudo das primeiras lettras revelou rara aptidão e intelligencia, distinguindo-se notavelmente na leitura com enexcidivel elegancia e intenção aos 10 annos de idade. Esta qualidade tão rara e tão apreciavel é ainda hoje, em D. Concepcion de Flaquer, um dos predicados que mais a recommenda como, talvez, a primeira leitora da Hespanha, applaudida enthusiasticamente em muitas conferencias e saraus litterarios em que tem tomado parte.

Foi no periodico politico e litterario *Argos*, onde D. Concepcion de Flaquer deu á luz publica os seus primeiros escriptos, na camaradagem de distinctos escriptores como Castro y Serrano, Selgas Alarcon, Fernandez Duro etc, e ali formou sua feição litteraria e principiou a tornar conhecido o seu nome na republica das lettras.

Aos dezoito annos de edade casou com o sr. D. Francisco de P. Flaquer, destincto escriptor a que já nos referimos, e no seu novo estado emprehendeu as suas viagens pela Hespanha, França, Portugal e Mexico onde mais se demorou e onde fundou um periodico litterario intitulado *Albun de la Mujer*, dedicado ás damas mexicanas, publicação que teve grande exito na America hespanhola, graças ao talento e incançavel trabalho da sua fundadora.

Actualmente D. Concepcion de Flaquer é a directora de um outro periodico illustrado que se publica em Madrid sob o titulo de *Album Ibero Americano*, o qual conta já 10 annos de existencia. A ultima obra de D. Concepcion de Flaquer é, *Madres de hombres celebres*, em que se refere á mãe de Camões e á de Vasco da Gama, e que vae ser traduzida em portuguez.

O Occidente publicando hoje o retrato de D. Concepcion de Flaquer tem a honra de apresentar ás suas leitoras uma das mais distinctas escriptoras do paiz visinho, e render ao mesmo tempo homenagem ao seu brilhante talento e virtudes.

Caetano Alberto.

LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO

III

Apenas entrou no governo, teve logo o novo ministro da fazenda uma grave questão a resolver, e logo se affirmaram as suas altas qualidades governativas, que o designaram para o commando supremo effectivo, apezar de estarem nominalmente as redeas do poder nas mãos de Antonio Rodrigues Sampaio.

No decurso da nossa vida politica, temos visto muita vez o desespero com que os partidos abandonam o poder, a soffreguidão com que o procuram, nunca vimos comtudo uma tão completa manifestação de raiva, como a que se deu na camara dos deputados nos fins de maio de 1881. O partido progressista não se resignou a abandonar as pastas, e imaginou que levantaria serios obstaculos ao governo, negando-lhe os meios de governar. Effectivamente assim seria em condições normaes, mas a camara estava condemnada. A corôa chamando ao poder um governo tirado da minoria, e correspondendo assim a um movimento de opinião perfeitamente incontestavel, movimento de opinião que se manifestára contra a lei do imposto de rendimento, que se accentuára contra o tratado de Lourenço Marques, evidentemente manifestára a sua intenção de appellar para o paiz.

A camara, por conseguinte, não podia deixar de votar ao novo governo a lei de meios, tanto mais que elle não fazia senão tornar seu o orçamento do ministerio anterior, que era apoiado pela camara.

Proceder de outro modo era dar simplesmente ao governo uma prova de desconfiança. Todos sabiam que essa desconfiança politica existia, mas deveria a camara então tel a manifestado logo que o ministerio subira ao poder. O appello para o paiz seria immediato. Receber porém o novo governo n'uma attitude neutral para depois lhe negar os meios constitucionaes de governar era um absurdo completo. A corôa não podia voltar a traz. Entre o ministerio e a camara optára pelo ministerio, não podia dois mezes depois voltar á primeira forma. Tinha forçosamente de consultar o paiz. O que resultava pois da negação da lei de meios? Resultava que ou o governo, recúando diante d'essa manifestação, pedia a demissão desempenhando um papel vergonhoso, atraiçoando a corôa e o paiz, ou havia de ir para diante, passando por cima das inexplicaveis resistencias da camara, d'essa camara que o impellia fatalmente á mais grave de todas as dictaduras, aquella em que o poder executivo se substitue ao legislativo para a cobrança dos impostos.

Lopo Vaz affrontou serenamente esta tempestade parlamentar, e foi elle que dirigio a politica do governo. Como se póde imaginar, o *fiasco* da maioria foi completo. A camara foi dissolvida, e o governo decretou os impostos, mas a camara insurgindo se, quasi se declarou em sessão permanente, quiz enviar uma deputação a El-Rei, gastou rhetorica sem termo, abandonada pelo gabinete que se recolheu tranquillamente para as secretarias, abandonada pelo publico que nem sequer foi assistir das tribunas a este divertido espectaculo.

Quando os deputados se cançaram de gritar, foram-se embora, com grande alegria dos contínuos, que apagaram o gaz, e fecharam as portas.

Foi este um dos golpes mais profundos que se deram, no nosso paiz, no regimen constitucional. Passou quasi despercebido. Ninguem hoje se lembra d'esta famosa sessão. Pois devia ficar celebre. O poder legislativo affirmou então a sua impotencia, impelliu elle mesmo o governo a entrar por uma porta diante da qual sempre até ahi hesitára. Mostrou não a hombridade de eleitos do povo, que não receiam apresentar-se diante dos seus eleitores mas o despeito pueril de funccionarios demittidos que se não podem resignar á perda dos seus honorarios, e que, por vingança mesquinha, recusam a chancella aos ultimos actos que, segundo a praxe, teriam de libelar. O governo dispensa a chancella e tudo caminha sem novidade

IV

Lopo Vaz luctou com serias difficuldadus, como ministro da fazenda. Segundo o costume, o orçamento portuguez saldou se com *deficit*, e não era facil n'essa occasião recorrer á costumada fonte dos emprestimos. Não era felizmente porque o nosso paiz não tivesse ainda o seu credito intacto, mas fizera-se pouco tempo antes um emprestimo com resultado pouco satisfactorio, e não era prudente bater de novo á porta dos banqueiros. Lopo Vaz teve essa ideia luminosissima e de que o paiz tirou logo proveito, a da conversão Por esse modo não só aproveitou a boa reputação que tinham os titulos portuguezes, mas abria um novo mercado, o de Paris, que era para nós vantajozissimo n'uma occasião em que a praça de Londres começava a fatigar-se dos incessantes emprestimos portuguezes. A operação deu excellentes resultados, o thezouro ganhou mais de 2:000 contos n'essa conversão que foi a unica de todas as que se fizeram no nosso paiz que se saldou com beneficio para o thezouro

Lopo Vaz póde assim, apenas, affirmar a sua alta capacidade financeira porque o ministerio que estava no poder teve uma curta duração. Debaixo da presidencia de Antonio Rodrigues Sampaio tinham entrado no gabinete Lopo Vaz para o ministerio da fazenda, os srs. Julio de Vilhena para o da marinha, Sanches de Castro para a guerra, Hintze Ribeiro para as obras publicas e para os estrangeiros interinamente por não ter o sr. Martins Dantas consentido em permanecer na gerencia d'esta pasta que primeiro lhe foi confiada, e o sr Barros e Sá para a justiça. Com a pasta do reino ficou Rodrigues Sampaio.

Qual foi o motivo da curta duração d'este ministerio? Não o sabemos nós, e sempre nos pareceu que Lopo Vaz vira com um certo resentimento a evolução politica de que resultou a formação de um novo ministerio, em que elle não entrou. Não que elle fosse afferrado á pasta; o exercicio do poder era para elle mais um sacrificio do que um jubilo. Desejava muitissimo ter uma grande influencia, não desejava ser elle que tivesse exclusivamente o poder. A sua indole um pouco preguiçosa fatigava-se com as mil occupações de um ministro, principalmente quando esse ministro tinha, como elle, a um tempo de gerir a sua pasta e de se preoccupar com os infinitos negocios politicos de um homem que tem n'um partido a situação que elle alcançara. E' comtudo evidente que não foi a seu gosto que se fez a profunda modificação ministerial de 11 de novembro de 1881. E'-nos impossivel, porém, penetrar no mysterio d'essa evolução. O que é certo é que Rodrigues Sampaio demittiu-se, e Fontes Pereira de Mello assumiu a presidencia do novo gabinete, reservando para si as pastas da guerra e da fazenda, levando o sr. Thomaz Ribeiro para a do reino, o sr. Antonio de Serpa para a dos estrangeiros e o sr. José de Mallo Gouveia para a da marinha. Dos membros do anterior gabinete só ficavam dois: o sr. Julio de Vilhena que passara da marinha para a justiça, o sr. Hintze Ribeiro que ficou exclusivamente com a pasta das obras publicas.

Sem que Lopo Vaz se manifestasse hostil ao novo gabinete e sem que Fontes Pereira de Mello deixasse de fallar com a mais alta estima do seu antecessor na pasta da fazenda, é para nós incontestavel que houve attritos n'essa passagem do poder, attritos que logo se dissiparam, porque tanto Lopo Vaz como Fontes tinham bastante perspicacia para perceber que precisavam immensamente um do outro.

Mal se manifestaram, pode-se dizer, esses attritos, Lopo Vaz, como chefe natural da maioria na camara dos deputados, prestou ao novo governo o mais dedicado auxilio, e Fontes aproveitou o primeiro ensejo que teve para reconstruir o ministerio, entrando Lopo Vaz. Foi no dia 24 de outubro de 1883 que o ministerio se recompoz. Fontes conservava dos seus collegas apenas o sr. Bocage, que no principio d'esse mesmo anno substituira o sr. Mello Gouveia na pasta da marinha, e o sr. Hintze Ribeiro. Era o sr. Bocage que ia substituir o sr. Antonio de Serpa na pasta dos estrangeiros e o sr. Hintze que substituia Fontes na da fazenda, Lopo Vaz que tomava o logar do sr. Julio de Vilhena na da justiça, o sr. Barjona o do sr. Thomaz Ribeiro na do reino, Antonio Augusto de Aguiar a do sr. Hintze nas obras publicas, e o signatario d'este artigo a do sr. Bocage na marinha. Fontes conservou apenas a pasta da guerra.

Pinheiro Chagas.

O CRIME DOS TAVORAS

ROMANCE HISTORICO

POR

Oliveira Mascarenhas

IX

— Senhores, disse D. José de Mascarenhas, apresentando Samuel aos conjurados: Mais uma victima dos nossos insolentes inimigos, que, como nós outros, tem desforços a tirar.

— Bem vindo seja; responderam em côro os da sala.
— O seu nome? perguntou um dos *roupetas* presentes.
— Samuel Barbeita d'Alencastre; respondeu o duque.
Um ligeiro susurro, produzido por cadeiras que se arrastavam e pelo som d'algumas vozes fundidas, deu a entender que, n'aquelle instante, todas as attenções se occupavam do mancebo.
Este, por seu turno, conservava se confuso, e um suor glacial lhe banhou a face, desde que no seu espirito se fez a convicção de que no palacio do duque d'Aveiro, e n'aquelle momento, se tratava d'um crime de gravidade.
Todavia já não podia retroceder.
Pediu mentalmente perdão á memoria honrada de seu pae, recordou se com lagrimas d'alma da sua pobre irmã, e resignou-se a tomar parte nos trabalhos hediondos d'aquella noite fatal.
Arrastado suavemente pelo duque para o meio do espaçoso salão, ahi, junto a uma comprida mesa de pau Brazil, trabalhada com esmero, tomou assento n'uma poltrona, depois de haver cumprimentado os circumstantes.
Passadas as primeiras impressões resultantes do ingresso de Samuel, o duque d'Aveiro aproximou-se d'um bojudo jesuita, com quem segredou por alguns momentos.
Seguidamente, os padres João de Mattos e Malagrida, apresentando ao orphão um breviario, sobre o qual o convidaram a pôr a mão, exigiram lhe que jurasse aos Santos Evangelhos guardar o segredo de todas as resoluções da junta, e seguil-as cegamente, ainda que com risco da propria vida.
Samuel estendeu a mão sobre o livro, envidou um supremo esforço e respondeu:
— Assim o juro.
Depois ficou pensativo.
Mil pensamentos horriveis lhe contundiam a mente.
Ora se convencia de que a elle ia ser confiada a missão de regicida, ora se julgava sob as mãos do carrasco, ora, finalmente, se reputava ferido pelos punhaes dos conjurados, caso perjurasse.
Alguns instantes após esta lucta intima, ouviu-se a voz do padre Gabriel Malagrida, convidando os seus cumplices a tratarem o modo mais summario e efficaz de supprimir as *abominaveis pessoas d'El-Rei e seu ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, — portuguezes degenerados, e inimigos rancorosos da religião e do paiz!!!*...
Samuel, ao ouvir o padre, sentiu apertar-se-lhe o circulo de ferro, que, de ha muito, lhe torturava o coração.

X

São onze horas da noite do dia trez de setembro de mil setecentos e cincoenta e oito.
Densas trevas.
Ruas desertas.
Silencio tumular.
Pela porta da real quinta denominada *do Meio*, em Belem, sahe um pequeno vehiculo, que entra seguidamente no amplo recinto do velho palacio real.
No interior d'este coche vêem se sentados El-Rei D. José e o seu valido Pedro Ferreira, por quem clero, nobreza e povo experimentavam não pequena antipathia.
— Que soubeste hoje que nos interesse, Pedro Ferreira? No paço sabe-se já dos nossos novos amores?
— Nada sei, e nada ouvi, meu senhor. De sobra sabe Vossa Magestade que lhe não occulto coisa alguma...
— E que se diz com relação aos fidalgos? Continuam elles a enfadar-se comnosco?
— De certo, meu senhor. Mil vezes hei dito a Vossa Magestade que se previna contra o Aveiro e os Tavoras. O duque e a marqueza hão de procurar tirar desforra da recusa que soffreram.
— Que desforra suppões tu que tirem elles?
— Eu sei lá, meu senhor?!... Certo é porém que tanto D. José de Mascarenhas como D. Leonor de Tavora não cruzarão os braços em presença do seu orgulho offendido.
— Tens rasão, Pedro Ferreira. O duque e a marqueza são altamente orgulhosos e ingratos em excesso. Mas não nos arreceamos. Quando nos constar que se agitam em demasia, saberemos reprimil os, fica certo...
— Mal vos irá, Real Senhor, se lhes esperardes manifestações francas e leaes: Um e outro saberão occultar-se e tramar nas trevas.
— Vel-o-hemos. E que se diz de Sebastião de Carvalho?
— O que já tive a honra de communicar a Vossa Magestade: Conserva despeitado o melhor do clero e da nobreza...
— O clero e a nobreza são dois insectos sociaes, cujas azas é preciso arrancar. E que diz o povo?
— O povo... o povo nada diz, por que tem a consciencia de que nada vale...
— Enganas te Pedro Ferreira: O povo é a primeira alavanca dos estados.

....

Sahia o carro, repetimos, da real quinta *do Meio*, e pouco tempo depois de ter atravessado o recinto do antigo *palacio queimado*, notou o boleeiro que uns trez ou quatro vultos se encontravam na margem do caminho por onde havia de seguir.
Avançou.
Quando o vehiculo passava ao lado dos desconhecidos, fez-se ouvir uma forte detonação produzida por trez ou quatro bacamartes que se disparavam sobre o coche, sem que nenhum dos projecteis conseguisse ferir alguem!
O boleeiro, justamente surprehendido e assustado, fustigou com força a parelha que metteu a galope, e em frente emquanto D. José e o valido, attonitos e aterrados, se interrogavam em silencio.
Mal tinha o carro percorrido trez minutos de caminho, quando nova descarga de trez *roqueiros* se fez ouvir, indo a metralha ferir gravemente El-Rei e despedaçar o vehiculo, que o cocheiro providencialmente fez voltar para a rectaguarda.
E' que, mais além, a uns vinte passos de distancia, divisára elle um novo troço d'emboscados, que, depois da segunda detonação, havia passado para a estrada.
— Está ferido El-Rei!... Está ferido El-Rei! gritava a plenos pulmões Pedro Ferreira!
Os cavallos, brutalmente chicoteados, assustados pelo estampido dos tiros e espantados, galoparam sem governo até ao largo da Junqueira, e pararam junto ao forte, onde provisoriamente habitava o marquez d'Angeja, desde que o terramoto de mil setecentos e cincoenta e cinco lhe desmoronára o seu palacio á Sé.
El-Rei, com o braço esquerdo dilacerado pelas balas, e quasi desfallecido, em virtude do muito sangue que perdêra, vendo-se ao pé da morada do marquez, manifestou a necessidade que tinha de receber alli o primeiro curativo.
Pedro Ferreira, amedrontado e trémulo, correu para fóra do coche, cujo espaldar se encontrava destruido, e bateu ruidosamente á porta do titular.
D. José, abandonado no carro, — pallido, anciado, e com as vestes ensopadas no proprio sangue —, não formulava uma ideia, nem tão pouco possuia a consciencia da sua terrivel situação.
No Forte todos dormiam a somno solto.
Segunda, terceira e quarta martellada, e, lá dentro, ninguem se mexia. A' quinta vez que o valido bateu na porta, é que afinal um dos creados do marquez de Angeja se resolveu fallar.
— Quem bate? perguntou em tom d'arremetter.
— Abra; respondeu Pedro Ferreira.
— O seu nome?
— O particular d'El Rei.
Nem depois d'este annuncio o guarda-portão se resolveu a correr os enormes ferrolhos do inexpugnavel portão do forte.
Por favor especial limitou-se a dizer com esforçada brandura:
— Corro a ir dar parte ao meu senhor.
Depois ouviu se interiormente o retumbar d'uns passos l geiros e pesados, que se extinguiu pouco a pouco.
Decorridos dez minutos, dava entrada o monarcha no forte, encostado ao valido; e, a muito custo conseguiu aproximar-se do leito do marquez.
O muito sangue perdido, e a fadiga resultante do andamento desde o coche até aos aposentos do titular, lançaram o soberano n'um deliquio assustador.
— Chame se um physico!... chame-se um physico!... gritava o marquez d'Angeja, dando ordens tumultuosas aos creados, que se encontravam assombrados e aturdidos.
E, tomando a fimbria d'um lençol de linho, passou, ajudado de Pedro Ferreira, a ligar o braço d'El-Rei, por onde o sangue sahia a jorros.
Ao terminar esta ligeira operação, entraram na alcova dois medicos, que soccorreram immediatamente o ferido, fazendo-o remover depois para o paço da Ajuda, com todas as cautellas que o seu melindroso estado exigia.

XI

Retrocedamos um capitulo.
No palacio do duque d'Aveiro estão, como o leitor já sabe, reunidos os conjurados; e o padre Gabriel de Malagrida arenga aos circumstantes.
Entre os ouvintes um havia que se apresentava desanimado e frio.
Era Samuel.
Um dos da roda — frade dominico — notou o facto.
— Fr. Onofre, segredou elle a outro frade: Não vos parece contrafeito o adventicio d'esta noite?
— E' certo. Será este homem um espião?
— Os anjos que vos respondam.
Samuel não percebeu coisa alguma.
Absorvido pela repugnancia que lhe creavam no espirito os factos que occurriam, era-lhe portanto difficil dar fé dos reparos que merecera a Fr. Onofre e companheiro.
— E' mister não o perdermos de vista; continuou o dominicano: E ai d'elle se as minhas desconfianças se não dissipam.
Fr. Onofre disse o que quer que fosse ao ouvido do companheiro, o qual abanou a cabeça em signal de assentimento.
Que tramariam elles?
Aguardemos os capitulos posteriores, e prestemos attenção ao jesuita orador.
— «Senhores, discursava elle: Os conjurados teem tudo a ganhar com a morte do soberano: A senhora D. Maria, herdeira do throno, cujos *sentimentos piedosissimos são de toda a gente conhecidos, ao empunhar o sceptro será obrigada pelo santissimo tribunal da penitencia*, que profundamente venera, a despojar de todos os empregos e poderes o feroz ministro de seu real pae, se porventura fôr difficil aos da junta supprimil-os antes. Então, voltarão os *bons e saudosos tempos do Senhor D. João 5.º de inolvidavel memoria*; cahirão por terra todas as malvadas reformas que o energumeno já fez, e as que tem em mente realisar á custa do abatimento do clero e da nobreza: e a religião e a fidalguia d'estes reinos triumpharão portanto da impiedade e desprestigio a que o monstro as tem sujeitado com desagrado do mundo e de Deus, cuja ira, infelizmente, desafion já».
Um ligeiro murmurio soou na sala, findo o qual o jesuita retomou a palavra:
— «São horas de fechar esta solemne sessão. Antes, porém, é prudente e necessario combinar o modo mais facil de levar á pratica os nossos projectos...»
— Dizei; dizei: bradaram os circumstantes.
— «Agradeço a confiança que em mim depositaes».
E depois de curto silencio:
— «Os conjurados (disse elle), dividir-se hão em trez grupos: O 1.º, composto do nobre duque de Aveiro e de seus creados Antonio Alvares e José Polycarpo de Azevedo, postar-se-ha a curta distancia do portão da *real quinta do Meio*; — o 2.º, em que entrarão a illustre marqueza de Tavora, e seu filho o nobre marquez Luiz Bernardo, bem como o cabo d'esquadra Braz José Romeiro e João Miguel, collocar-se-ha a vinte ou trinta passos do 1.º grupo, á orla do caminho publico; — e o 3.º, finalmente, estacionará a quinze passos d'este ultimo, ao meio da estrada, e compor-se-ha do resto dos illustres fidalgos presentes, bem como de Manuel Alvares Ferreira, e de Samuel de Alencastre.
«Nós, os religiosos, associados a esta *santa* empreza, encontrar-nos-hemos ámanhã, por onze horas da noite, — que será a hora d'operar, — de joelhos todos, e implorando a Deus o bom successo da nossa causa»..

....

Quando padre Gabriel punha ponto no seu discurso e combinações, ouviam-se cinco horas nas torres de Belem.
O dia começava a despontar turvo e melancholico, como que impressionado pelas ultimas e sacrilegas palavras do jesuita...

(Continúa)

OS MEUS LIVROS

XVII

As amantes de D. João V; — é assim intitulado um livro de 276 paginas que o seu auctor, sr. Alberto Pimentel, divide em nove capitulos sob as seguintes epigraphes: — *O primeiro amor; Emquanto a rainha não chega; A rainha; A côrte;*

Soror Paula; *Margarida do Monte*; *A Flor de murta*; *A actriz Petronilla*; *O ocaso de um Cezar*.

O livro é muito bem escripto, estyllo leve, attrahente, por vezes recamado de phrases, ditos, palavras, dos homens do principio do seculo XVIII que são como que a prova real das affirmações e critica do auctor.

A galleria de figuras historicas é vasta. Desde a meiga D. Filippa de Noronha tão querida de Sophia de Neuburgo e Marianna de Austria; a propria rainha, essa doce mulher, grandiosa personificação de bondade, que tudo perdoou ao magnificente *rei-Sol*; a resoluta condessa de Villa Nova que deu cinco filhos ao marido e um bofetão no rei; e a celebre e habil *Soror-Paula* de quem D. João V teve um filho, *D. José*, que viveu oitenta e um annos e foi grande inquisidor, era este um dos *meninos de Palhavã*; e o não menos celebre *Camões do Rocio*, Caetano José da Silva Souto Maior, o espirituoso glosador, o homem de mais picante graça d'aquelle tempo, o popular corregedor do bairro do Rocio; a cigana Margarida do Monte, muito conhecida pelo caso do *carvoeiro* no *convento da Roza*; o engraçado versejador Thomaz Pinto Brandão; e a encantadora *Flor de murta*, D. Luiza Clara de Portugal filha de D. Bernardo CastelloMelhor, governador da Torre do Outão... D. Luiza Clara, a formosa senhora, a quem o rei D. João V alcunhara de *Flor da murta* por a encontrar uma vez com uma deliciosa *toilete* branco e verde, alcunha que deu o nome a parte da rua de S. Bento, onde era situado o palacio da filha do governador da Torre de Outão; e a actriz Petronilla Trabó Bazilii Romana, aquella que deu finalmente o golpe de misericordia no rei galanteador; — todas estas figuras são uma completa demonstração, pela verdade e arte com que são postas á luz, de que o livro de Alberto Pimentel é um dos mais notaveis estudos moderno-historicos que tenho lido. Este trabalho é um modello de litteratura de investigação, e cabe-lhe perfeitamente o lemma com que o seu auctor apresenta *As amantes de João V*, sobre a firma dos irmãos Goncourt — « *L'historie humaine, voilá l'histoire moderne.*

O trabalho do sr. Alberto Pimentel,—e somos insuspeitos ao fallar assim por isso que não conhecemos pessoalmente o illustre escriptor,—n'este livro, é um grande auxiliar para os estudiosos que desejem conhecer a nossa historia, a historia humana como dizem os Goncourt, porque nas *Amantes de D João V* ha uma parte do seculo XVIII que parece ferida por um machinismo singular ainda não conhecido em que, ao mesmo tempo e de um só golpe, se obtem a figura dos personagens como na photographia, e a voz nos diversos tons, como no phonographo.

*
* *

As amantes de D. João V. — Estudos historicos, é uma bella edição posta a publico pela casa Ferin & C.ª e que pelo modesto preço de 600 réis está ao alcance de todas as pessoas que ainda conservam um pouco de amor ás cousas portuguezas.

Agradecemos a remessa de um exemplar.

Manuel Barradas.

REVISTA POLITICA

Proseguem com actividade os preparativos para as eleições, com a nomeação de novos governadores civis, transferencia de administradores de concelho, e varias reuniões e conferencias para a escolha de candidatos. Uma calamidade que podia muito bem evitar-se, se se seguisse o nosso alvitre da ultima revista — reconduzir a camara que funccionou nos ultimos tres anuos com tanto proveito do paiz e applauso das gentes.

Agora que o governo prepare uns tantos contos em cedulas e alguns empregozitos, para se fabricarem os novos paes da patria, que afinal serão, na sua maioria, tão novos como os processos por que são levados ao seio da representação nacional.

O illustre e sagaz presidente do conselho vae preparando as coisas de modo que fiquem contentes gregos e troyanos, principiando pelos chefes das tribus, muito mais difficeis de contentar que quaesquer sobas, a quem alguns litros de aguardente e uns lenços vistosos arrancam lagrimas de reconhecimento e de ternura.

D. CONCEPCION GIMENO DE FLAQUER

Por cá as coisas fiam mais finas, e se fossemos a dar credito aos maldizentes, teriamos que relatar aqui muitos boatos que circulam e deitam peçonha em algumas nomeações ultimamente feitas para commissões de utilidade contestavel, segundo o dizer dos mesmos maldizentes. Nós não nos tornaremos echo d'essas incidiasitas que para ahi andam á largar, e só nos limitaremos a dizer como o grande estadista marquez de Pombal—todos comem palha o caso está em lh'a saber dar.

Nas circumstancias apertadas em que se encontram as finanças portuguezas, parece que todos os cuidados da publica administração se deviam concentrar nos problemas financeiros e economicos que é preciso resolver, mas por mais independencia politica que os governos se arroguem, não ha meio de escapar ás influencias partidarias, que o mesmo é que dizer ás influencias dos interesses pessoaes em detrimento dos interesses da patria, e de tal modo esses interesses se impõem e estão ligados, que não ha remedio que transigir, para que a egrejinha se não derrube.

Isto é assim e não pode ser d'outro modo, e não ha nenhum estadista em disponabilidade ou em perspectiva que possa dizer, d'aquella politica não tenho bebido ou d'aquella politica não beberei.

E assim se explica a faina eleitoral que vae por ahi, emquanto o sr. Serpa vae a Paris concertar as finanças portuguezas com os credores estrangeiros.

O sr. Serpa partiu para Paris justamente no dia em que a Egreja celebrava a partida de Jesus para o Calvario, e ahi está explicada toda a jermiada com que uma boa parte da imprensa portugueza tem acompanhado a marcha do novo martyr pela rua da Amargura até ao cima do Golgotha da rua *Provence*.

Não ha outra explicação para a choradeira que tem acompanhado s. ex.ª O rio de lagrimas que tem corrido desde a rua da Atalaya até á rua da Emenda seria capaz de afogar o illustre chefe da phalange regeneradora, se o sr. Serpa não estivesse a estas horas em Paris correndo o risco de ser estrangulado pelos judeus da rua *Provence*, não menos sedentos do sangue do manso cordeiro dos que ha desenove seculos consumaram o sacrificio do Calvario.

Parece que quando Vasco da Gama partiu para a descoberta da India, el-rei D. Manuel confiava muito mais no bom exito da empreza do grande capitão, do que agora se confia na empreza do sr. Serpa.

Mas se não confiam na empreza do illustre estadista, para que lhe confiaram tão espinhosa missão, e para que foi que s. ex.ª a acceitou.

Não se renderia á vaidade, certamente, o estadista encanecido, não desconheceria tão pouco as difficuldades da sua missão, não teria o animo leve ao acceital-a, e porque bem devia pesar o encargo que tomava, não percebemos a razão de tanta desconfiança, de tanta falta de fé e de esperança, usando tão pouca caridade para com aquelle que tão desprendidamente se sacrifica pela patria.

Deixem-se de maus agouros os que estão inguinçando a patriotica empreza a que o sr. Serpa se abalançou, e se não queriam correr o perigo de desprestigiar o seu chefe, não deixassem que o sr. Dias Ferreira o mettesse n'aquella camisa de onze varas.

Para contrapôr á choradeira das folhas regeneradoras, tem o *Correio da Noite* alegrado a questão, fazendo espiaito com a missão do sr. Antonio de Serpa.

Não é acção bonita tal proceder, por que o sr. Serpa não apanhou uma sinecura rendosa, não é motivo para lhe fazer troça. Cada qual contente-se com o que apanha e não vae mal.

E já que fallámos em apanhar sempre queremos ver quem será nomeado para desempenhar as funcções de Estafermo no proximo torneio, que se vae realisar no hypodromo de Belem.

Se a commissão não é rendosa é pelo menos dadivosa.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43